

PÉTER GÁRDOS

A febre do amanhecer

Tradução do húngaro

Edith Elek



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2015 by Péter Gárdos
Publicado mediante acordo com Libri Kiadó

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Hajnali láz

Capa
Claudia Espínola de Carvalho

Foto de capa
alfocome/ Shutterstock

Preparação
Ana Lima Cecilio

Revisão
Carmen T. S. Costa
Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Gárdos, Péter
A febre do amanhecer / Péter Gárdos ; tradução Edith Elek. —
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

Título original: Hajnali láz
ISBN 978-85-359-2875-4

1. Ficção húngara 2. Judeus húngaros – Suécia – Século xx
– Ficção. 3. Sobreviventes do Holocausto – Ficção 1. Título.

17-01385

CDD-894.511

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura húngara 894.511

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

*Tu ainda não sabes, irmãozinho, o que arou
Sulcos profundos na testa de uma região do mundo,
Aqui, no Norte, mergulhado na luz das estrelas
Vistes um avião em noite enluarada.*

Miklós Gárdos, “Para um menino sueco”

1.

Meu pai chegou à Suécia de navio num dia chuvoso de verão.

A guerra terminara havia pouco menos de três semanas.

Um vento feroz soprava vindo do norte, o navio balançava entre ondas de dois, três metros de altura no mar Báltico a caminho de Estocolmo. Acomodaram meu pai no pavimento mais baixo.

As pessoas se deitavam sobre sacos de palha e buscavam se agarrar às suas camas, com mãos crispadas, durante aquele tormento colossal.

Ainda não passara nem uma hora desde a partida quando meu pai começou a se sentir mal. Primeiro tossia e expelia uma espuma de sangue. Virou de lado e começou a estertorar tão alto, que sua agonia encobria o ruído das ondas batendo contra o casco do navio. Como meu pai fazia parte dos pacientes mais graves, ficou na primeira fila, logo ao lado da porta de vaivém. Então dois marinheiros pegaram seu corpo de passarinho e o levaram à cabine vizinha.

O médico não hesitou. Não havia tempo para analgésicos e anestésias. Enfiou uma agulha enorme na caixa torácica do meu pai, entre duas costelas. Com sorte, a seringa chegaria ao lugar certo. O aparelho de sucção chegou enquanto o médico aspirava cerca de meio litro de líquido da pleura. A agulha foi trocada por um tubinho, e com o equipamento retiraram muito rápido mais um litro e meio de secreção.

Meu pai melhorou.

O capitão, avisado do bem-sucedido salvamento, estendeu um agrado ao rapaz. Enrolado em grossos cobertores, meu pai se sentou no convés. Sobre a água cinza-chumbo do mar, juntavam-se nuvens inchadas. O capitão, com uniforme irrepreensível, permaneceu em pé ao lado da espreguiçadeira.

— O senhor fala alemão?

Meu pai fez que sim com a cabeça.

— Parabéns pelo seu resgate.

Em outro momento, um discurso edificante poderia ter começado a partir daí. Mas meu pai não estava a fim de conversa, por isso apenas demonstrou sua intenção em colaborar.

— Estou vivo.

O capitão observou meu pai. A pele cinza esticada sobre o crânio, os olhos maiores por causa das lentes dos óculos, na boca um imenso buraco negro. Nessa época meu pai já não tinha dentes. O que aconteceu exatamente, não sei. Talvez três homens enormes tenham surrado um sujeito magrelo no refúgio antiaéreo até ele virar papa. Talvez um único fio incandescente pendesse do teto. Talvez um dos rapazes, seminu, tenha agarrado um ferro de passar roupa e batido mais de uma vez no rosto do prisioneiro machucado, meu pai. Segundo a versão oficial, lacônica, a maioria de seus dentes foi arrancada na penitenciária da avenida Margit, em 1944.

Mas aqui, agora, ele de fato vivia, respirava, mesmo que fa-

zendo um som de apito, enquanto seus pulmões trabalhavam freneticamente para puxar o ar fresco e salgado do mar.

O capitão deu uma olhada com seu binóculo.

— Vamos atracar por cinco minutos em Malmö.

Meu pai não tinha nada com isso. Além dele havia mais duzentas e vinte e quatro pessoas doentes, em um estado excepcionalmente ruim, sendo transportadas de Lübeck para Estocolmo. Algumas ficariam contentes se o capitão apenas garantisse que chegariam ao porto de destino. Para esses párias, o desvio de alguns minutos em Malmö não somava nem subtraía. O capitão, porém, como se informasse uma autoridade superior, continuou:

— A ordem veio pelo rádio. Essa parada não estava prevista no plano de viagem.

O navio apitou. Por trás do vapor, surgiram as docas do porto de Malmö. Um bando de gaivotas revoava sobre a cabeça de meu pai.

Atracaram bem no final do cais. Dois marinheiros desceram para terra firme e correram em direção ao porto. Nas mãos, cestas vazias como as em que, como lembrava meu pai, lavadeiras carrencudas carregavam a roupa suja para o sótão.

Mulheres de bicicleta esperavam atrás da cancela que fechava o cais. Havia umas cinquenta mulheres. Um bando mudo, imóvel. Em pé, muitas delas tinham lenços pretos na cabeça, enquanto apertavam o guidão das bicicletas. Corvos encolhidos num galho de árvore.

Os dois marinheiros chegaram até a cancela. Só então meu pai notou que, pendurados nos guidões das bicicletas, havia pequenos pacotes. O capitão pôs um braço sobre os ombros de meu pai.

— A ação de um rabino obsessivo. Mandou pôr anúncios nos jornais da manhã. Escreveu que os senhores chegariam nesse navio. E ainda conseguiu providenciar que atracássemos.

Rapidamente as mulheres jogaram seus pacotes dentro das cestas. Uma delas, que estava mais atrás, largou o guidão e a bicicleta tombou. Do navio, meu pai ouviu o ruído metálico da bicicleta caindo sobre o piso quadriculado de basalto, o que pareceria simplesmente impossível daquela distância. Mesmo assim, ele nunca deixou de fora esse som nas inúmeras vezes em que narrou a cena.

Depois de recolherem todos os pacotes, os marinheiros re-fizeram o caminho até o navio do mesmo jeito, correndo. A imagem ficou fixada na mente de meu pai: o improvável cais vazio, marinheiros carregando cestas e atrás, para encerrar, o exército de mulheres de bicicleta, imóveis.

Nos pequenos pacotes havia doces caseiros, assados por mulheres desconhecidas para aquela ocasião, a chegada dos párias à Suécia. Meu pai revirava na boca desdentada a massa, tão macia que desmanchava. Sentiu o gosto de baunilha e de framboesa.

— A Suécia os saúda. — O capitão resmungou ao se retirar para cuidar de seus afazeres, e o navio já se afastava da costa.

Meu pai saboreava o doce. No céu, entre as nuvens, apareceu um avião bimotor desenhando dois círculos de consagração. Devagarinho meu pai começou a sentir que, de fato, estava vivo.

Em 7 de julho de 1945, meu pai já estava na província de Gotland, no hospital de uma aldeiazinha chamada Lärbro, deitado numa enfermaria com dezesseis camas, as costas apoiadas na almofada, escrevendo uma carta. A luz do sol borbullhava em raios dourados pela janela. Entre as camas, enfermeirinhas com blusas crocantes de tão engomadas, toucas brancas e saias de algodão ziguezagueavam esfregando o chão.

A caligrafia de meu pai era linda: letras graciosas, arabescos elegantes, espaço para respiro entre as palavras. Depois de termi-

nar a carta, procurou um envelope, colou-o e o apoiou na jarra cheia de água sobre a mesa de cabeceira. Duas horas depois, uma enfermeira chamada Katrin juntou o envelope com as cartas dos outros doentes e levou tudo ao correio.

Naquela época, meu pai só podia se levantar da cama vez ou outra. Porém, onze dias depois do episódio da carta já podia sentar no corredor do hospital de Lärbro. Numa manhã, ele recebeu uma carta vinda direto do Escritório Sueco de Registro de Refugiados, que trazia o nome e o endereço de cento e dezessete mulheres. Meu pai tinha em mãos o endereço de cento e dezessete jovens, moças e senhoras que tentavam sobreviver nos diferentes hospitais de campanha espalhados pela Suécia. Conseguiu de algum modo um caderninho em cujas páginas quadriculadas repassava os nomes todo final de tarde.

Aqui ele já tinha superado havia alguns dias o dramático começo deste texto.

Grudado na parede do aparelho de raio X, meu pai tentava não se mexer. Lindholm, do outro quarto, gritava as instruções para ele. O médico-chefe, de dois metros de altura e pernas muito compridas, falava um húngaro engraçado. As vogais longas pareciam umas com as outras, pronunciava-as como se tentasse encher um balão de gás enquanto falava. O médico-chefe dirigia o hospital havia doze anos e era graças à mulher que arranhava o húngaro com tanta habilidade. Márta, essa mulher de proporções surpreendentemente pequenas — meu pai supunha que ela não poderia ter mais do que um metro e quarenta —, também trabalhava como enfermeira em Lärbro.

— Mantenha o ar dentro de si! Não fique se mexendo!

Um clique, um zumbido — a radiografia estava pronta. Meu pai podia relaxar os ombros.

Lindholm já estava em pé ao seu lado. Olhava compadecido, não diretamente para ele, mas para um ponto qualquer acima de sua cabeça. Meu pai permanecia parado com o tórax afundado e seminu grudado no aparelho, como se nunca mais quisesse se vestir. Seus óculos de fundo de garrafa estavam levemente embaçados.

— Qual é mesmo sua profissão, Miklós?

— Eu fui jornalista. E poeta.

— Ah, um engenheiro da alma. Bonito.

Meu pai passava o peso do corpo de um pé para o outro.

Sentia frio.

— Então, vista-se, por que ainda está aí em pé?

Meu pai se arrastou até o canto da sala, vestiu a parte de cima do pijama.

— Tem algum problema?

Lindholm não olhou para ele. Foi em direção ao consultório, fez um sinal para que meu pai o seguisse e resmungou alguma coisa meio ao acaso.

— Problema.

O consultório do doutor dava para o jardim. No meio do verão na ilha de Gotland, o começo da noite era quente e uma luz amarela banhava a paisagem de ângulos inimagináveis. O marrom-escuro dos móveis irradiava segurança e intimidade.

Meu pai estava sentado na poltrona de couro, de pijama. De frente para ele, do outro lado da escrivaninha, Lindholm vestira seu colete. Com o semblante carregado, escarafunchava no meio dos resultados dos exames. Ligou o abajur com cúpula verde sobre o tampo da mesa, embora não fosse necessário.

— Quantos quilos o senhor pesa agora, Miklós?

— Quarenta e sete.

— Está vendo. Estamos caminhando, de vento em popa.

Com essa observação ele pretendia fazer meu pai perceber

que a mudança de peso era resultado do tratamento drástico, capaz de passar de vinte e nove para quarenta e sete quilos em uma semana. Meu pai abotoava e desabotoava o casaco do pijama, muito grande para ele.

— Quanto teve de febre durante a madrugada?

— Trinta e oito ponto dois.

Lindholm jogou os exames sobre a mesa.

— Não vou continuar enrolando. É assim que se diz? Agora já está forte o suficiente para encarar os fatos.

Meu pai sorriu. Quase todos os seus dentes eram próteses. O que se deve saber sobre as próteses é que são uma liga metálica para fins médicos, antiácida, horrível e barata. No dia seguinte à chegada de meu pai a Lärbro, um dentista foi visitá-lo, tirou uma amostra e tomou as devidas providências. Avisou que ele receberia uma dentadura provisória, que seria mais prática do que estética. Depois, vapt-vupt, instalou em sua boca essa fábrica de metal. O sorriso de meu pai podia ser tudo menos enternecedor, mas o médico-chefe se obrigou a encará-lo.

— Serei objetivo. Assim é mais fácil. O senhor tem mais seis meses pela frente, Miklós.

Lindholm tomou uma das radiografias nas mãos e a colocou contra a janela.

— Veja. Incline-se mais para a frente.

Meu pai saltou da cadeira, solícito, e se debruçou sobre a mesa.

Os dedos delicados de Lindholm percorreram a superfície da radiografia.

— Aqui, aqui, aqui e aqui. O senhor enxerga? Tudo isso são afinamentos por causa do tifo. E o senhor vê estas manchas? Isso é tuberculose. Danos remanescentes. E, infelizmente, não há como revertê-los. Terrível dizer uma coisa dessas. Falando em

termos comuns, a doença... está devorando o seu pulmão. Existe essa expressão em húngaro: devorar?

Estavam imersos na radiografia.

Meu pai se apoiou levemente na escrivaninha. Ele ainda não estava forte, mas acenou com a cabeça. Indicava que o médico-chefe era bem-sucedido em seu avanço pela língua húngara. “Devorar” era uma expressão bastante precisa para fazer entender o futuro nem tão distante sem usar o vocabulário médico.

Meu avô paterno tinha uma livraria em Debrecen antes da guerra. A loja ficava no edifício do Palácio Bispal, escondido sob as arcadas, no centro da cidade, a alguns passos de distância da praça principal. O local era chamado de jardim de Gambrinus, e por isso a loja se chamava Livraria Gambrinus. Consistia de três salas estreitas e altas. O pai de meu pai também vendia material de escritório e o local funcionava como uma biblioteca. Trepado na escada do lugar, meu pai leu durante a adolescência toda a literatura mundial — portanto sabia prezar a expressão poética de Lindholm.

O médico olhou profundamente nos olhos de meu pai.

— O conhecimento médico que temos até agora diz que não é possível te salvar. Haverá períodos melhores. Piores também. Estarei sempre ao seu lado. Mas não quero iludi-lo. Seis meses. No máximo, sete. Sinto um aperto no coração. Mas essa é a verdade.

Meu pai se endireitou. Ainda sorria. Voltou a se jogar na poltrona macia com jovialidade. O médico não tinha certeza se ele havia entendido o diagnóstico, se captara a mensagem.

Ao meu pai, o tempo interessava menos do que outras questões mais importantes, como a sua vida.

2.

Duas semanas depois dessa conversa permitiram que meu pai fizesse pequenos passeios no suntuoso jardim do hospital, e ele sentou num dos bancos sombreados pela copa opulenta de uma imensa árvore.

Quase nem olhava para cima. Escrevia suas cartas, uma depois da outra. Escrevia a lápis, com sua caligrafia encantadora. Sentado no banco, apertava as folhas de papel sobre um romance de Martin Andersen Nexö, uma edição sueca de capa dura. Meu pai admirava a visão política de Nexö e a coragem silenciosa de alguns dos personagens operários no romance. Talvez meu pai pensasse que o grande dinamarquês também sofreu de tuberculose e conseguiu se curar.

Meu pai escrevia com rapidez. Colocava uma pedra sobre as cartas prontas para não correr o risco de serem levadas pelo vento.

No dia seguinte bateu na sala do médico-chefe. Calculou que desarmaria a sedutora honestidade de Lindholm. Precisava da ajuda do médico.

Durante o dia, nesse horário, o médico conversava com seus pacientes sentado em um divã de couro. Acomodou-se em uma ponta, de avental branco, e meu pai, de pijama, na outra.

Lindholm, surpreso, revirava aquela abundância de envelopes.

— Não costumamos perguntar a nossos pacientes com quem se correspondem e por quê. Agora também o que me move não é a curiosidade...

— Eu sei. De todo modo gostaria de esclarecer ao senhor.

— O senhor diz, querido Miklós, que aqui há cento e dezessete cartas. O senhor mantém uma ampla correspondência, parabéns — Lindholm levantava os braços, como se quisesse mostrar que estava impressionado com o peso do monte de envelopes. — Vou logo avisar à irmã para que compre os selos. Se tiver qualquer questão financeira, pode contar comigo.

Meu pai, com aparência imodesta, cruzava as pernas sem parar. Sorria com uma leve malícia.

— É tudo mulher.

Lindholm ergueu as sobrancelhas.

— Puxa vida!

— Quer dizer, moças. Moças húngaras. De Debrecen ou de regiões próximas. Eu também nasci lá.

— Entendo. — O médico balançou a cabeça.

Não entendia. Não tinha a menor ideia de qual seria o objetivo de meu pai com esse descarregamento em massa de cartas, mas se mostrou compreensivo, afinal estava dialogando com um condenado à morte.

Meu pai se sentiu livre e continuou.

— Há duas semanas eu me informei sobre quais são as mulheres espalhadas pela Suécia que nasceram em Debrecen ou na região, e que estão sendo tratadas aqui. Até trinta anos de idade!

— Nos acampamentos hospitalares? Ah!

Ambos sabiam que, além do Lärbro, havia mais pelo menos algumas dúzias de centros de reabilitação funcionando no país. Meu pai se sentou ereto. Estava sinceramente orgulhoso de seu plano de ação.

— E nesses lugares há inúmeras mulheres. Moças. Senhoras. Olhe a relação de nomes! — Tirou a lista do bolso do pijama. Corou. Estendeu a lista bem preparada, com marcas de “x”, um tique ou pequenos triângulos desenhados ao lado dos nomes.

— Ahá. O senhor procura as conhecidas! Estou de pleno acordo!

— O senhor entendeu mal — explicou meu pai, piscando e sorrindo ao mesmo tempo. — Estou procurando uma esposa. Eu gostaria de me casar.

Finalmente conseguiu dizer. Encostou o corpo no sofá e esperou pela reação.

A testa de Lindholm se toldou com rugas.

— Parece, querido Miklós, que no outro dia não expliquei claramente as coisas.

— Sim, doutor, explicou.

— Parece que minha fala me traiu. Seis meses, mais ou menos. Isso é o que resta. Sabe, Miklós, se um médico expressa uma coisa dessas, é terrível para ele.

— Eu entendo perfeitamente, doutor.

Qualquer resposta seria difícil. Então permaneceram em silêncio nos dois cantos do divã.

Ainda ficaram mais uns cinco minutos sem saber o que fazer, num crescente desconforto. Lindholm pesava internamente se seria seu dever instruir um condenado à morte, se seria seu dever alertá-lo diante das probabilidades para que pesasse a situação com bom senso. Meu pai, por outro lado, refletia sobre se valia a pena introduzir um cientista com tanta experiência na

perspectiva de um mundo otimista. Então preferiram deixar um ao outro em paz.

Naquela tarde meu pai deitou na cama como a terapia exigia, com as costas encostadas no travesseiro. Eram umas quatro da tarde, a hora da sesta, e os doentes precisavam ficar dentro dos alojamentos. Muitos dormiam, alguns jogavam cartas. Harry tocava o último movimento de uma sonata no violino, repetindo sem parar seu trecho mais arduo, com irritante dedicação.

Meu pai colou os selos nos cento e dezessete envelopes. Lambia, colava, lambia, colava. Às vezes a boca secava e ele tomava um gole do copo de água do criado-mudo. Ele sentia que a música de Harry era o acompanhamento exato para a sua atividade.

As cento e dezessete cartas poderiam ter sido copiadas com papel-carbono. Elas diferiam umas das outras apenas em um item: no destinatário.

Será que meu pai alguma vez fantasiou sobre o que sentiriam aquelas mulheres quando abrissem o envelope? Quando retirassem a carta e vissem de repente aquelas letras umas depois das outras?

Ah, aquelas mulheres! Encolhidas na beirada de camas hospitalares, em bancos de jardim, nos cantos de corredores cheirando a remédio, em frente a janelas de vidro grosso, em escadas desgastadas mal ficando em pé, sob árvores singelas, na margem de lagos pequeninos, encostadas em frias paredes de azulejos amarelados. Será que ele as imaginava abrindo os envelopes de camisola ou com uniformes branco-acinzentados? Primeiro perturbadas e logo sorridentes, com o coração cada vez mais acelerado, ou apenas surpresas relendo aquelas linhas diversas vezes?

Querida Nora, querida Elizabeth, querida Lili, querida Suzana, querida Sara, querida Serena, querida Agnes, querida Giza, querida Boneca, querida Catarina, querida Judit, querida Gabriela...

Provavelmente a senhorita já se acostumou a que se dirijam à senhorita quando a pessoa fala em húngaro — por serem eles também húngaros. Lentamente nos tornamos mal-educados.

Eu, por exemplo, escrevi confiante o nome acima por sermos da mesma terra. Não sei se me conhece de Debrecen — eu, enquanto não “fui chamado” pela pátria para trabalhos forçados, trabalhei no jornal Független — e meu pai tinha uma livraria no Palácio Episcopal.

Tenho a impressão, pelo nome e pela idade, que a conheço — será que morava no Gambrinus?

Perdoe-me por escrever a lápis, mas por ordem médica ainda devo ficar de cama por alguns dias.

Entre as cento e dezessete cartas, uma era endereçada a certa Lili Reich, de dezoito anos de idade, no acampamento de Smålandsstenar. Abriu o envelope, que recebera pelo correio em agosto, leu com atenção, e quando viu que o jovem de letra bonita da longínqua Lärbro evidentemente a confundira com alguém, esqueceu na mesma hora o assunto.

Além disso, vivia numa excitação febril naquela época. Junto com duas amigas recentes, Sara Stern e Judit Gold, resolvera acabar com os dias monótonos de lenta recuperação.

Judit Gold era uma moça com cara de cavalo, com pelos escuros sobre a boca estreita e severa. Sara era exatamente o oposto: loira, constituição delicada, ombros estreitos, pernas bem torneadas.

As três amigas idealizaram uma noite húngara a ser apresentada no palco da Casa de Cultura do acampamento.

Todas já tinham estudado música: Lili tocara piano durante oito anos, Sara cantara num coral, Judit, antes da guerra, tomara aulas de dança. Duas outras garotas, Erika Friedmann e Gitta Pláner, se juntaram a elas apenas por entusiasmo. O programa, de menos de trinta minutos, foi planejado na sala do médico, batido à máquina e colado em três lugares diferentes. As rangentes cadeiras de madeira da Casa de Cultura foram tomadas pelos interessados. A maioria dos que ali estavam eram doentes em reabilitação, mas também vieram alguns curiosos da cidadezinha mais próxima, Smålandsstenar.

O espetáculo obteve sucesso retumbante. No último número, depois de uma dança húngara, um *csárdás*, cheia de entusiasmo, os assistentes aplaudiram de pé e repetidas vezes pediram bis para as cinco moças ruborizadas. Mas logo que correram para trás do palco, Lili sentiu de repente uma dor intensa no abdômen. Se encolheu, apertou com as mãos a barriga, e percebeu que gemia baixinho. Deitou no chão. Sua testa foi inundada por um suor intenso.

Sara, sua amiga de maior confiança, se agachou ao seu lado.

— Lili, o que foi?

— Está doendo demais...

Por um curto espaço de tempo, ela perdeu os sentidos. Não se lembrava de como tinha ido parar na ambulância, apenas que o rosto pálido de Sara se debruçava sobre o seu, que ela até tinha gritado alguma coisa, embora não tivesse escutado nada.

No futuro ela pensará bastante sobre esse evento, de que talvez jamais tivesse conhecido meu pai se não fosse por essa crise renal; se a imensa ambulância branca não a transportasse para o pronto-socorro do hospital militar; se na primeira visita Judit Gold não levasse consigo, junto com sua escova de dentes

e seu diário, a carta que ela recebera daquele rapaz de Lärbro; se, nessa mesma visita, Judit Gold não a convencesse de que, apesar da falta de sentido, deveria responder com algumas frases ao jovem simpático, se não por outro motivo, por um gesto de solidariedade; seria aqui que a história teria acabado.

Assim, em uma daquelas noites intermináveis no hospital, sentada ao lado de um elevador antigo cuja porta rangia de modo ofensivo aos seus ouvidos e de um corredor de onde vinha um som de uma balbúrdia paralisante, Lili Reich procurou uma folha de papel e, após uma pequena reflexão, começou a escrever à luz pálida da lâmpada sobre a cama.

Querido Miklós!

Provavelmente não sou a pessoa que pensa, pois, embora tenha nascido em Debrecen, fui morar em Budapeste com um ano. Apesar disso, pensei muito no senhor, pois sua carta é tão simpática que continuo a troca de correspondência com prazer...

Isso era verdade apenas em parte. Agora que estava presa a uma cama por causa de uma nova doença, tecia devaneios talvez por medo, como uma fuga ou apenas por tédio.

De mim, só digo que não tenho grande admiração por calças com vinco bem passadas ou por um penteado bem-feito, é o valor interior que me seduz.

Meu pai ficou um pouco mais forte. Pelo menos a ponto de poder passear com Harry na cidadezinha. Os moradores dos acampamentos de toda a Suécia recebiam uma semanada de cinco coroas. Em Lärbro havia duas confeitarias, uma com mesas de mármore, como nos tempos de paz na Hungria. Encontraram

Kristin, uma cabeleireira sueca bochechuda, no caminho e pediram que se juntasse a eles. Estavam agora sentados, os três, em volta da mesa redonda de mármore. Kristin comeu com gosto uma torta de maçã usando um garfo e diante dos dois rapazes havia uma água com gás. A conversa se desenrolou em alemão, os húngaros ainda estavam conhecendo a melodiosa língua sueca.

No bigodinho loiro de Kristin balançava um resto de açúcar de confeitiro.

— Os senhores são rapazes muito gentis. Onde nasceram exatamente?

Meu pai estufou o peito com orgulho.

— Hajdúnánás — ele encheu a boca, como se tivesse dito uma palavra mágica.

— Eu em Sajószentpéter.

Kristin experimentou o impossível. Repetiu o que ouviu. Virou um gaguejo, disforme, desorganizado. Hajdü...nana... Sajü sent... peter...

Riram. Kristin beliscava a torta de maçã. Um curto silêncio tomou conta, o tempo necessário para um ataque hussardo. Nisso Harry era um grande mestre.

— O que disse Adão a Eva na primeira vez que se encontraram?

Kristin esqueceu até de mastigar, de tanto que queria decifrar a pergunta. Harry esperou um pouco e deu um salto. Com gestos de mímica mostrou que ele estava nu, como veio ao mundo.

— Senhorita, por favor, fique um pouco mais longe de mim porque não sei até que ponto cresce esta coisa! — Harry apontou para baixo, em direção à braguilha.

Kristin não entendeu na hora, mas logo corou. Meu pai ficou envergonhado, preferiu tomar um gole de sua água.

Harry tomou impulso.

— Tem uma outra. A madame pergunta à nova empregada:

“Suas recomendações são boas?”. Ela balança a cabeça: “Sim, minha senhora, em todo lugar ficaram satisfeitos comigo”. “Sabe cozinhar?” A empregada balança a cabeça. “Gosta de crianças?” A empregada balança a cabeça: “Gosto, mas seria melhor se o seu marido se cuidasse”.

Kristin deu risadinhas. Então Harry pegou a mão dela e sacou-lhe um beijo ardente. Kristin primeiro puxou a mão, mas, como Harry a segurava com firmeza, decidiu não lutar contra. Meu pai olhou para o outro lado. Tomou outro gole.

Kristin alisou a saia e levantou.

— Agora eu vou ao banheiro. — Com isso atravessou o recinto com graça.

Harry imediatamente voltou a falar em húngaro.

— Ela mora aqui. Duas quadras.

— Como você sabe?

— Ela disse. Você não presta atenção?

— Ela gosta de você.

— De você também.

Meu pai olhou sério para Harry.

— Não me interessa.

— Há séculos que você não senta num café. Há séculos que você não vê uma mulher nua.

— E como isso vem ao caso?

— Finalmente nos deixaram sair. Precisamos começar a viver!

Kristin voltava com um andar excitante. Harry cochichou em húngaro para meu pai:

— O que você acha de um sanduíche?

— Que tipo de sanduíche?

— Nós dois e ela. No meio, Kristin.

— Me deixe fora disso.

Harry passou para o alemão sem respirar enquanto por baixo da mesa acariciava o tornozelo da moça de modo imperceptível.

— O que estava conversando com Miklós, doce Kristin, é que eu definitivamente estou caído pela senhorita. Posso ter esperanças?

Kristin colocou o indicador sobre a boca de Harry, coquete.

O minúsculo apartamento alugado de Kristin ficava na Nysvägenen, no terceiro andar, e pela janela entrava o barulho do fraco movimento da rua. A moça sentou na cama para que Harry a alcançasse com facilidade. Como primeira prova, ela estabeleceu que ele deveria costurar seu sutiã, que tinha um rasgo na parte de trás. Claro, sem que ela tirasse a peça. Kristin conferia a execução por um espelho à sua frente.

— Acabou?

— Quase. Seria mais fácil se você tirasse.

— Nem me passa pela cabeça.

— É uma tortura.

— O propósito é esse. Que você sofra. Que você se contenda, que execute uma tarefa doméstica — riu a moça.

Harry finalmente terminou, cortou a linha com os dentes.

Kristin deu um salto, parou na frente do espelho e se virou, estalando o elástico da alça do sutiã. Harry a admirava cada vez mais ruborizado. Depois, abraçou a moça e, desajeitado, abriu o sutiã. Sussurrou com a voz rouca:

— Cozinheiro, lavo, faço faxina. Minha capacidade de trabalho é imensa.

Como resposta Kristin o beijou.

Uma hora depois, quando Harry voltou à confeitaria, encontrou seu pai no mesmo lugar. Nem levantou os olhos quando Harry desabou a seu lado. A carta, que escrevia sobre a mesa de mármo-

re, já estava quase pronta. A ponta do lápis deslizava sobre o papel. Harry deu um suspiro profundo. Estava imensamente amargurado.

Meu pai demorou para levantar a cabeça. Não se surpreendeu ao ver o olhar de desapontamento de Harry.

— Você não está mais apaixonado?

Harry sorveu o resto de água do copo de meu pai.

— Estou um trapo, não apaixonado.

— Vocês romperam?

— Ela me fez costurar o sutiã. Depois eu a despi. Sua pele é tão firme!

— Então está bem. Agora não me incomode. Tenho que terminar esta carta. — Meu pai já voltava sua atenção ao papel.

Harry observava com inveja como meu pai era capaz de apertar um botão e se desligar do resto do mundo. Como se ele não estivesse lá. Depois murmurou:

— Eu não estava firme... não vai. Simplesmente não vai.

Meu pai só escrevia, como um louco.

— O que não vai?

— Eu, que já fui capaz de fazer cinco vezes num dia, que já pendurei um balde de água e andei de lá pra cá assim...

Meu pai ficou pensativo em um momento conveniente da escrita. Finalmente demonstrou interesse.

— Você pendurou no quê?

— Agora... pende como um molusco entre minhas pernas. Branco, mole, sem esperança.

Meu pai finalmente encontrou a palavra que procurava. Era óbvio que sorria por dentro. Escreveu-a e se tranquilizou. Agora podia ajudar a tranquilizar Harry.

— Isso é normal. Sem sentimentos não vai.

Harry mordida um canto da boca com raiva. De repente virou o papel em sua direção e começou a ler. “Querida Lili! Tenho vinte e cinco anos...” Meu pai segurou a carta e Harry tentou

arrancá-la de debaixo de sua mão. Lutaram um pouco, mas meu pai foi mais ágil e enfiou a carta no bolso da calça.

Querida Lili! Tenho vinte e cinco anos, fui jornalista até que a primeira legislação sobre judeus me expulsou de meu emprego...

Meu pai flertava com a licença poética.

A verdade é que ele foi jornalista por oito dias e meio. O jornal *Független*, de Debrecen, o contratara numa segunda-feira, mais como office-boy de reportagens policiais do que como jornalista. Isso na pior época possível. Na semana seguinte, anunciaram que israelitas estavam proibidos em determinadas profissões, o que, por fim, decidiu a carreira bem encaminhada do meu pai no jornalismo. Porém, os oito dias e meio de experiência se incorporaram para sempre em sua autobiografia.

É claro que não deve ter sido fácil para um rapaz de dezenove anos lidar com aquela reviravolta. Num dia ele tinha um lápis atrás da orelha e no outro estava gritando, pendurado na carroça de entrega de água, “Água com gás! Aqui temos água com gás!”. Os cavalinhos trotavam e o vento uivava em seu ouvido.

... depois fui ajudante de vendedor de água com gás, operário da indústria têxtil, fiscal em um escritório de autenticação de crédito, funcionário público, comerciante de anúncios e algumas outras profissões tão boas quanto até 1941, quando me convocaram para trabalhos forçados. Na primeira oportunidade, fugi para o lado russo. Lavei pratos durante um mês em um grande restaurante de Tchernivtsi, depois em Bucovina me tornei membro de um grupo internacional de guerrilheiros...

Os oito desertores húngaros foram treinados como espões pelo Exército Vermelho, num curso rápido, e jogados no territó-

rio inimigo. Vendo hoje, fica óbvio que os russos não confiavam neles. A história mostra que os soviéticos não confiavam em ninguém. Mas como esses fugitivos húngaros estavam lá, decidiram colocá-los em combate.

Imagino meu pai carregando uma mochila imensa, bufando ao se agarrar na porta do avião. Olha para baixo. Vê apenas um abismo profundo, nuvens, um enorme descampado. Meu pai sofre de vertigem, fica tonto, vira e vomita. Mãos brutas o pegam por trás e o empurram para o nada.

O fato é que naquela madrugada, em algum lugar em Oradea, soldados os esperavam com metralhadoras num bosque aberto. Quando o grupo de paraquedistas estava a alguns metros do chão, lançaram algumas rajadas de balas como se fosse tiro ao alvo.

Meu pai teve sorte. Ele foi o único não atingido no tiroteio. Mas assim que tocou o chão, pularam em cima dele e o algemaram. Ainda naquela noite o levaram para Budapeste, onde em meia hora o livraram de duas dúzias de dentes.

Em Lärbro, na confeitaria, Harry olha para meu pai com inveja.

— Quantas responderam?

— Dezoito.

— E agora você vai trocar cartas com as dezoito?

Meu pai cutucou o bolso no qual escondera a carta.

— Ela é a verdadeira.

— Como você sabe?

— Apenas sei.